



## AS LUTAS DE CLASSES E A QUESTÃO SOCIAL: O “MOTOR” PROPULSOR DAS PRIMEIRAS INSTITUIÇÕES DE FORMAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL NO BRASIL

TATIANA FERREIRA DOS SANTOS

EIXO: 6. ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

### Resumo

O presente artigo propõe discutir sobre o surgimento das primeiras Faculdades de Serviço Social no Brasil e em Sergipe, partindo do pressuposto de que as lutas de classes e a questão social foram um dos motivos que impulsionaram a criação da profissão e, conseqüentemente, motivaram a criação das primeiras instituições formadoras em Serviço Social. Partindo desse viés lógico, numa perspectiva crítica, reflexões sustentadas em autores clássicos do Serviço Social são considerados na intenção de clarificar o surgimento da profissão e suas interferências do período de ascensão capitalista em um processo histórico de crucial entendimento e compreensão da profissão. Assim, são apresentadas duas sub seções que propõem o debate acerca da temática.

**Palavras-chave:** Questão social; luta de classes; capitalismo; Estado; Serviço Social;

### Abstract

This article aims to discuss about the emergence of the first Faculties of Social Work in Brazil and Sergipe, assuming that the struggles of classes and social issues were one of the reasons that drove the creation of the profession and consequently led to the creation of the first educational institutions in Social Work. From this logical bias, a critical perspective, reflections sustained in classical authors of social work are considered in an attempt to clarify the emergence of the profession and its interference in the capitalist ascension period in a historical process of critical understanding and comprehension of the profession. So they will have two sub sections that propose the debate about the theme.

**Keywords:** Social Issues; class struggle; capitalism; State; Social Service;

### INTRODUÇÃO

É corriqueira a demanda advinda dos processos decorrentes das relações sociais, principalmente quando se está inserida na conjuntura do modelo de sociedade em que essas relações são submetidas. Em contraponto ao pensamento de Althusser, Thompson (1981) implica nas contradições suscitadas por Althusser, entre eles, ao afirmar que o motor da história foi a luta de classes, através de interpretações de Althusser sobre a obra *O Capital* de Karl Marx. Thompson acredita que Althusser teve uma visão equivocada da história ao concebê-la como um planetário estruturalista, quando na verdade Marx estava se referindo a um processo ideológico das lutas e suas realizações. É partindo dessas premissas, que abarco para o contexto do surgimento da profissão de Serviço Social.

No período das décadas que abrangem de 1920 a 1940, ocorreram diversos fatos históricos que interferiram diretamente na economia nacional e mundial, período este, marcado pelo fim da primeira guerra mundial, crise de 1929 e o início da segunda guerra mundial. No entanto, o período também foi marcado por grandes reformas, tanto políticas quanto educacionais. As reformas políticas configuraram-se ao fim da Primeira República, Segunda República e início do Estado Novo. Já as reformas educacionais destacam-se com Escola Nova. Tais reformas iniciavam no período de consolidação do capitalismo e no processo de ascensão da industrialização no Brasil. Esse período é igualmente marcado pela luta dos proletariados versus burguesia e pelos movimentos educacionais. É nesse cenário que está a

matriz do advento do Serviço Social. Em meio às lutas de classes e questão social, fruto da consolidação do capitalismo no Brasil.

Toledo (1995) afirma que nos períodos em que as mudanças na sociedade ocorrem, o equilíbrio social se rompe e dá lugar às crises sociais ou períodos críticos, no qual, podem ser provocados por “1) crises econômicas; 2) os contatos com grupos de culturas diversas e, por tanto, as diferenças de nível e de aspectos de duas civilizações, e 3) a ação de individualidades (...)” (AZEVEDO *apud* TOLEDO, 1954, p.147).

O presente artigo pretende aqui elencar, interpretações referentes às obras discutidas na disciplina educação brasileira, ministrada pelo professor Jorge Carvalho e Luiz Eduardo, no Mestrado em Educação da Universidade Federal de Sergipe, à luz da formação das primeiras escolas de Serviço Social no Brasil. Dessa forma, objetiva-se explicitar como os reflexos das lutas de classes propagaram-se como motor propulsor e motivador para o surgimento de necessidades que impulsionaram a origem da profissão e conseqüentemente os cursos de serviço social no Brasil.

### **A questão Social e as Lutas de Classe:**

Para entender a questão social é necessário primeiro defini-la. Sendo assim, Carvalho; Iamamoto (1997) afirmam que a questão social pode ser entendida como:

“[...]as expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado. É a manifestação, no cotidiano da vida social, da contradição entre o proletariado e a burguesia, a qual passa a exigir outros tipos de intervenção mais além da caridade e repressão”. (CARVALHO e IAMAMOTO 2007, p.77)

Os autores partem do pressuposto, que a propagação do capitalismo industrial e a expansão urbana incidem diretamente nas relações contraditórias entre burguesia e proletariado. Cerqueira Filho (1982) apresenta a questão social “como o conjunto de problemas políticos, sociais e econômicos que o surgimento da classe operária impôs no curso da constituição capitalista”. (CERQUEIRA FILHO, 1982, p.21). Para Maciel (2006), a questão social pode ser entendida como linha central e articuladora ao surgimento das implicações intrínsecas “[...] ao modo de produção/reprodução do capitalismo, das mudanças no mundo do trabalho, das suas manifestações e expressões concretas na realidade social, as estratégias de seu enfrentamento articuladas pelas classes sociais e o Estado” (MACIEL, 2006, p.105).

Historicamente, no Brasil, no período pós-guerra, houve um surto industrial, crescente ampliação urbana e aumento das imigrações, mesclado com o período de crise capitalista e ascensão do Estado em realizar mudanças políticas, econômicas, sociais, culturais e educacionais, refletidas nos anos da segunda república e estado novo. A esse período histórico que remetem às contradições entre modo de produção e o trabalho do proletariado, principalmente no início do século XX, quando as grandes metrópoles recheavam-se de grandes indústrias e misturavam-se aos bairros insalubres e condições precárias de moradia e trabalho.

Nesse sentido, Azevedo *apud* Toledo, no qual afirma na obra a *Cultura Brasileira*, que o período pós-guerra de 1914 acarretou em grandes pressões de causas econômicas, sociais e políticas que se disseminou por todos os domínios culturais:

“[...] o surto de industrialismo dos Estados do Sul e, sobretudo, São Paulo, para onde se deslocara o centro de gravidade demográfica do país (...); as evoluções da vida econômica e das agitações de idéias que se propagavam da Europa para os Estados Unidos, acarretaram transformações da mentalidade, como deviam determinar as de instituições e crenças da vida brasileira, criando uma atmosfera francamente revolucionária nos grandes centros urbanos.” (AZEVEDO 1958, p.167)

Com o aglomerado da população operária e das grandes indústrias, eram fortes as pressões exercidas, como baixos salários, forçando a entrada de mulheres e crianças no mercado de trabalho, com a mesma jornada estabelecida aos homens, no qual não havia direitos trabalhistas, atirando-os às condições insuficientes de sobrevivência no modelo de sociedade em que estava vigente. São nessas condições que Carvalho e Iamamoto (2007) afirmam que “tornou-se necessária a organização do proletariado para a sua defesa” (CARVALHO e IAMAMOTO 2007, p.130) Ainda segundo os autores, a organização do proletariado “representará, também, a única via possível de uma participação ativa na sociedade” (CARVALHO e IAMAMOTO 2007, p.130).

Referente aos movimentos educacionais, a Escola Nova, segundo Brandão (1999), “seria o instrumento adequado para o ajustamento da sociedade brasileira ao tempo e ao espaço na perspectiva do Manifesto dos Pioneiros”. (BRANDÃO 1999, p.93) Os pioneiros defendiam a implementação de um sistema público de ensino capaz de atender

democraticamente toda a sociedade. Nesse período, entre crise de 29 e ainda sob impactos da primeira guerra, acreditava-se que a escolarização seria o meio mais seguro para “dirigir e, até mesmo, reorientar o sentido das transformações sociais.” (BRANDÃO 1999, p.66)

Freitag (1986) baseado no pensamento de Althusser referente à caracterização da escola como aparelho ideológico do estado, o autor afirma que a escola preenche o papel basilar da reprodução das relações materiais e sociais de produção. “Ela assegura que se reproduza a força de trabalho, transmitindo as qualificações (...) necessárias para o mundo do trabalho e que ao mesmo tempo, o indivíduo se sujeite à estrutura de classes” (FREITEG 1986, p.33). O autor ainda afirma que a escola “contribui, pois, de duas formas para o processo de reprodução da formação social do capitalismo: por um lado reproduz forças produtivas, por outro, as relações de produção existentes” (FREITEG 1986, p.33).

Thompson (1981) partilha da visão que as classes surgem “porque homens e mulheres, em relações produtivas determinadas, identificam seus interesses antagônicos e passam a lutar, a pensar e a valorar em termo de classe” (THOMPSON 1981, p.121). Ortiz (2010) afirma que, assim como nos países capitalistas, a maximização das políticas e dos serviços sociais “vincula-se à dinâmica da luta de classes. Ainda que funcionais, do ponto de vista político e econômico, a lógica monopólica, é a intensidade da luta política dos trabalhadores que delineiam determinados traços às políticas sociais.” (ORTIZ 2010, p.74). A autora ainda destaca que, “é tomando a luta de classe como referência, que podemos afirmar que ela se relaciona diretamente com o desenvolvimento da perspectiva de cidadania.” (ORTIZ 2010, p.74)

Nesse sentido, Machado *apud* Marx e Engels em o *Manifesto*, ao clarificar em sua obra o “ioiô dos altos e baixos” das lutas de classes para Marx e Engels:

“O proletariado passa por diferentes fases de desenvolvimento. Sua luta contra a burguesia começa com a sua existência. No começo, empenham-se na luta operários isolados, mais tarde, operários de uma mesma fábrica, finalmente, operários de um mesmo ramo da indústria, de uma mesma localidade, contra o burguês que os explora diretamente. (...) Mas, com o desenvolvimento da indústria, o proletariado não apenas se multiplica; comprime-se em massas cada vez maiores, sua força cresce e ele adquire maior consciência dela. Os interesses, as condições de existência dos proletários se igualam cada vez mais à medida que a máquina extingue toda diferença de trabalho e quase por toda parte reduz o salário a um nível igualmente baixo” (MARX e ENGELS, 1998, p.47).

Nessa conjuntura, é na década de 1920 que as lutas de classes se destacam e o período é marcado por greves e manifestações que ganham amplas repercussões, caracterizado pelo “desenvolvimento das forças produtivas, no qual torna a condição de vida do operário mais precária e os choques individuais entre o operário singular e o burguês singular toma o caráter de confrontos entre duas classes” (MACHADO 2011, p.06). De tal modo, nesse contexto, cabe ao Estado a realização de políticas sociais na intervenção e redução das contradições existentes.

Foi nesse panorama, que emergiu a necessidade da atuação de um profissional que fosse além de caridades, repressões e do assistencialismo da Igreja e do estado, que por sua vez, precisavam conduzir o enfrentamento da questão social, através da efetivação de políticas sociais. No entanto Carvalho e lamamoto (2007) afirmam, que a atuação da igreja católica na assistência à prevenção e atenuando os problemas refletidos na época, foi de suma importância para o surgimento de instituições que deram suporte à gênese do Serviço Social.

### **O Surgimento das Primeiras Instituições formadoras:**

Carvalho e lamamoto (2007) afirmam que a base para o surgimento do Serviço Social foram os movimentos destinados a intervir junto à classe proletária, o qual diverge das antigas obras sociais que baseavam-se somente nas obras assistencialistas e de caridade. Em 1937 surge o Centro de Estudos e Ação Social de São Paulo (CEAS), hoje o atual curso de Serviço Social da PUC-SP. Segundo os autores, o início oficial se dá a partir do “Curso Intensivo de Formação Social para Moças”, o curso tinha patrocínio da Igreja e objetivava o estudo das doutrinas sociais da Igreja aprofundando esses estudos a fim de conhecer os problemas sociais. (CARVALHO e IAMAMOTO 2007, p.168)

Segundo Carvalho e lamamoto, em 1937 surge o Instituto de Educação Familiar e Social, em 1938 a Escola Técnica de Serviço Social, em 1940, é introduzido o curso de Preparação em Trabalho Social na Escola de Enfermagem Ana Nery e em 1944 a Escola de Serviço Social, todas localizadas no Rio de Janeiro. (CARVALHO e IAMAMOTO 2007, p.181). Segundo as autoras, “no decorrer da década de 1940, surgem várias escolas de serviço social nas capitais dos Estados [...] a maioria se formará sob a influência da igreja católica.” (CARVALHO e IAMAMOTO 2007, p.186).

Flickinger (2010) afirma que em 1945, a Escola de Serviço Social de Porto Alegre deu início em suas atividades, a atual Faculdade de Serviço Social da PUCRS. (Flickinger 2010, p.163). Carvalho e lamamoto (2007) afirmam que ,em 1947, foi o período no qual o processo de formação do Assistente Social encontrava-se de forma inicial, todavia, eram poucos os que apresentavam diploma.

Em Sergipe, a primeira escola de Serviço Social, segundo Santos, Gonçalves e Cruz (1999), foi inaugurada em 27/03/1954, 18 anos após o surgimento da primeira escola em São Paulo e 14 anos antes da instalação da Universidade Federal de Sergipe - UFS. Segundo as autoras, a Escola de Serviço Social de Sergipe “participou do debate de criação da UFS, sendo uma das primeiras instituições de Ensino Superior que a integraram” (Santos, Gonçalves e Cruz 1999, p.31).

Segundo Santos, Gonçalves e Cruz (1999), a primeira escola de Serviço Social de Sergipe, como em outros estados, surgiu sob influências da Igreja através do Bispo Diocesano Dom Fernando Gomes, do Estado através do governador Arnaldo Rollemberg Garcez e das elites dominantes. Sendo assim, “fazia-se necessária a criação de uma instituição responsável pela formação e divulgação de valores ideológicos que serviam para atenuar os conflitos sociais” (Santos, Gonçalves e Cruz 1999, p.32). A escola era administrada pela Sociedade Sergipana de Cultura, uma ONG que apresentava a finalidade de instruir, manter e dirigir Faculdades e demais institutos de caráter cultural e social. O Governador Arnaldo Rollemberg Garcez, com o apoio do legislativo, doou uma casa para a Sociedade Sergipana de Cultura sediar a escola de Serviço Social de Sergipe, “no qual foi mantida pela instituição no período de 1954 a 1957, quando a escola foi transferida para a Sociedade Feminina de Instrução e Caridade, dirigida pela Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado.”(Santos, Gonçalves e Cruz 1999, p.32). Segundo as autoras, a entidade recebia incentivos do governo em todas as esferas, da Igreja, do pagamento dos concursos para o ingresso na escola e da mensalidade das alunas, uma vez que o curso era particular. Alguns professores ministravam as aulas gratuitamente e outros recebiam gratificações simbólicas.

Em 1989, nas Faculdades Integradas Tiradentes, atual Universidade Tiradentes, o Curso de Serviço Social deu início a suas atividades no *campus* Farolândia. Em 1993 a primeira turma de graduandas concluiu o curso. (MENDONÇA 2012, p.209).

## Referências

BRANDÃO, Zaia. A Intelligentsia educacional – U percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil. – Bragança Paulista: IFAN-CDAPH. Editora da Universidade São Francisco/EDUSF, 1999.

CARVALHO, Raul de e IAMAMOTO, Marilda Villela. Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. 21 ed. – São Paulo, Cortez; [Lima, Peru]: CELATS, 2007.

CERQUEIRA FILHO. A Questão Social no Brasil. Civilização Brasileira, 1982.

FLICKINGER, Hans – Gerorg. Entre caridade, solidariedade e cidadania: história comparativa do Serviço Social Brasil/ Alemanha. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 200.

FREITAG, Bárbara. Escola, Estado e Sociedade. 4 ed. Ver. – São Paulo: Moraes. 1986 (coleção educação universitária)

MACHADO, Eliel. Proletariado e Luta de Classes em Marx e Engels. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História –ANPUH

• São Paulo, julho 2011. Disponível em:<[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300909273\\_ARQUIVO\\_Anpuh\\_2011\\_Eliel\\_Machado.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300909273_ARQUIVO_Anpuh_2011_Eliel_Machado.pdf) > Acesso em: 05 de mar. 2014.

MACIEL, A. S. **Universidade em crise: uma travessia necessária para a formação em serviço social.** Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2006. Disponível em <<http://tardis.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/5211/1/000347760-Texto%2bCompleto-0.pdf>>.

MENDONÇA, Jouberto Uchôa de; SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e. *Universidade Tiradentes do ginásio ao superior: 50 anos na educação sergipana (1962-2012)* – Aracaju: UNIT, 2012.

ORTIZ, Fátima Grave. *O Serviço Social no Brasil: fundamentos de sua imagem e da autoimagem de seus agentes.* Rio de Janeiro: FAPERJ - E-papers, 2010.

SANTOS, Eliana Marcos dos, GONSALVES, Maria da Conceição e CRUZ, Maria Elisa. O curso de Serviço Social na UFS. Artigo *in*: ROLLEMBERG, Maria Stella Tavares e SANTOS, Lenalda Andrade. *UFS - história dos cursos de graduação.* – São Cristóvão/SE. 1999.293p.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser.* Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. 1995. *Fernando de Azevedo e a Cultura Brasileira ou as aventuras do criador e da criação.* São Paulo, PUC. (Dissertação-Mestrado em Educação).

Tatiana Ferreira dos Santos

Mestranda em Educação (PPGED/UFS). Assistente Social Especialista em Educação Ambiental. Membro do GEPEASE (CNPQ/UFS).

Recebido em: 27/06/2015

Aprovado em: 28/06/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: